

Mauricio Ribeiro da Silva
Carlos Magno Camargos Mendonça
Carlos Alberto de Carvalho
José Eugenio de Oliveira Menezes
Maria das Graças Pinto Coelho
Organizadores

MOBILIDADE, ESPACIALIDADES E ALTERIDADES

compós



**MOBILIDADE,
ESPACIALIDADES
E ALTERIDADES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

João Carlos Salles Pires da Silva

VICE-REITOR

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

ASSESSOR DO REITOR

Paulo Costa Lima



**EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA BAHIA**

DIRETORA

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares de Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo



**ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO (COMPÓS)**

PRESIDENTE

Marco Roxo

VICE-PRESIDENTE

Isaltina Gomes

SECRETÁRIA-GERAL

Gisela Castro

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA (UNB), Campus Darcy Ribeiro,
ICC Norte - Subsolo, Sala Ass 633. Asa Norte,
Brasília - DF. Cep: 70910-900**

Mauricio Ribeiro da Silva
Carlos Magno Camargos Mendonça
Carlos Alberto de Carvalho
José Eugenio de Oliveira Menezes
Maria das Graças Pinto Coelho
Organizadores

MOBILIDADE, ESPACIALIDADES E ALTERIDADES

Salvador
EDUFBA
2018

2018, Autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

PROJETO GRÁFICO *Rodrigo Oyarzabal Schlabit*

NORMALIZAÇÃO *Susane Barros*

REVISÃO *Flávia Rosa*

Sistema de Bibliotecas SIBI/UFBA

M687 Mobilidade, espacialidades e alteridades / Mauricio Ribeiro da Silva... [et al.], organizadores. – Salvador: EDUFBA, 2018. 286 p.: il.

Parceria Institucional: Compós
ISBN: 978-85-232-1712-9

1. Comunicação digital. 2. Tecnologia da informação - Aspectos sociais. 3. Internet. 4. Inovações tecnológicas. I. Título. II. Silva, Mauricio Ribeiro. III. Mendonça, Carlos Magno Camargos. IV. Carvalho, Carlos Alberto de. V. Menezes, José Eugenio de Oliveira. VI. Coelho, Maria das Graças Pinto.

CDU: 316.422

Editora filiada à:



EDUFBA

Rua Barão de Jeremoabo, s/n Campus de Ondina
Salvador - Bahia CEP 40170-115 Tel. (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br / edufba@ufba.br

ALÉM DO DIGITAL: A ALTERIDADE RESSIGNIFICADA ATRAVÉS DOS ALGORITMOS DAS REDES SOCIAIS

André Fagundes Pase
Rafaela Chiapin Pechansky

INTRODUÇÃO

O que um homem negro de meia idade que “vence” uma crise de pânico, uma criança angustiada por revelar a sua sexualidade, ou uma brasileira que decide deixar um casamento infeliz para seguir os seus sonhos têm em comum? À primeira vista, nada. Mas, para Brandon Stanton, todos eles são humanos que carregam histórias – e isto é o suficiente para que o fotógrafo compartilhe um pouco das suas trajetórias na página *Humans of New York*.

No cenário midiático atual, a questão do fenômeno das redes sociais – o impacto da sua popularidade – reflete a sociedade (BOYD, 2014) e as suas transformações do século XXI. Essa nova comunicação, mediada pelo computador, amplifica a capacidade de conexão, permitindo o surgimento de redes que não conectam apenas computadores, mas pessoas. (RECUERO, 2014) McLuhan

(1971) declarou que a “mídia eletrônica” do século XX iniciou um movimento de “quebra”, libertando indivíduos fragmentados e se tornando àquilo equivalente a uma “aldeia global”. Para Nicholas Carr (2011), a internet nos conecta uns com os outros, uma vez que é utilizada por milhões de pessoas para distribuir as suas próprias criações digitais, na forma de blogs, vídeos, fotos, músicas.

É neste contexto que surge o blog *Humans of New York* – publicado no Facebook, Instagram, Twitter e, mais recentemente, em livro impresso –, que reúne retratos tirados nas ruas de Nova York pelo próprio Stanton. Além das fotos, há um breve relato das pessoas entrevistadas: uma confissão, uma memória, um desejo. Atualmente, HONY, como é carinhosamente abreviado, conta mais de 18 milhões de curtidas¹ – a cidade de Nova York tem cerca de 8.5 milhões de habitantes² – e tornou-se um fenômeno da mídia social internacional. Além disso, reflete um dos efeitos da crescente democratização da fotografia e da “informação rápida” na comunicação.

Inicialmente criado com a tentativa de “catalogar exaustivamente os habitantes de Nova York”, a página acabou tornando-se, para muitos, uma referência no que se refere à humanidade cotidiana. (STANTON, [2010]) Sem limitação de idade, de classe social, de profissão e nem de espécie (também são fotografados cachorros, gatos, cavalos), são eternizadas pessoas que continuariam anônimas em meio ao turbilhão de uma das maiores cidades do mundo.

A relevância da página – e da discussão provocada nela e por ela mesma – suscita reflexões sobre a alteridade no ambiente das redes sociais. Nestes ambientes de intensa troca de informações, as relações de reconhecimento de si mesmo e do outro transformam estas percepções de forma ágil. Além disso, os algoritmos que distribuem as informações nestes espaços digitais aproximam sujeitos em virtude de diversos fatores, reescrevendo distâncias e aproximações.

Dessa forma, este artigo observa o cenário apresentando e que se encontra em constante transformação. Através da análise de uma postagem da página, visto que ela mantém padrões regulares de conteúdo, serão observadas como as informações dos outros atores da rede constroem novos espaços para o desenvolvimento de uma alteridade contemporânea.

1 Disponível em: <www.facebook.com/humansofnewyork>. Acesso em: 10 mar. 2017.

2 De acordo com o censo estadunidense, realizado em julho de 2015, Nova York tem, aproximadamente, 8.550.405 residentes. (U.S. CENSUS BUREAU, 2016)

A VIDA ATRAVÉS DA TELA

Quando falamos em internet, redes sociais e Facebook, um tema parece estar intimamente ligado a estes conceitos: a cultura participativa. Shirky (2011) defende que a maior vantagem que possuímos em uma rede é a possibilidade de conexão entre pessoas. A expressão “cultura participativa” permite compreender o que está acontecendo. Desta forma, o simples ato de criar algo com outras pessoas em mente e então compartilhá-lo representa, no mínimo, um eco de outro modelo de cultura, baseado na partilha física ou através de meios de comunicação baseados em estrutura de um para muitos. As redes digitais reforçam que estar conectado com o outro significa compartilhar com o outro, mesmo que através de uma reação no Facebook.

Zuckerman (2013) observa a topografia atual formada por múltiplos tipos de mídia disponíveis, com cruzamentos de linguagens, culturas e nações. Neste âmbito, o sucesso tanto econômico quanto criativo do cidadão depende da transformação em um “cosmopolita digital”, abraçando inspirações de todos os lados do mundo.

E como essas novas ferramentas impactam os nossos comportamentos? Voltando a Shirky (2011), é possível observar o tempo livre disponível para nós como matéria-prima dessas mudanças, tempo que podemos investir em projetos que variam da diversão à transformação cultural. Na prática, o que temos é o direcionamento do nosso excedente cognitivo que permite às pessoas um comportamento cujas ações reverberam automaticamente através das propriedades dos sistemas. Portanto, mesmo um *like* em um post do Facebook é compreendido pela rede como uma sinalização sobre o interesse em uma determinada temática ou pessoa que publicou a informação, por exemplo.

Ainda neste sentido, a difusão das redes resultou em uma mudança sutil na palavra compartilhamento. Compartilhar normalmente requeria um alto grau de conexão entre o doador e o receptor, então a ideia de compartilhar uma fotografia implicava que os compartilhantes se conhecessem. Mas, agora que a mídia social estendeu incrivelmente o alcance e a vida útil do compartilhamento, sua organização passou a ter muitas formas. Uma delas é o compartilhamento cívico quando um grupo está tentando ativamente transformar a sociedade. (SHIRKY, 2011)

Nessa mediação visualizada em telas, os nossos próprios dramas são projetados, nos quais produzimos, dirigimos e atuamos. Alguns desses dilemas são privados, mas, cada vez mais, nós somos atraídos por outras pessoas e também publicamos nossas vivências. (TURKLE, 1997) Como seres humanos, nós nos preocupamos uns com os outros. Como recorda Benkler (2011), muitos de nós, inclusive, nos preocupamos com aqueles que nós nem chegamos a conhecer.

Para Recuero (2014, p. 24), estes ambientes são formados por atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e conexões (interações ou laços sociais).

Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões.

Um ator também pode ser representado por um perfil no Twitter, mesmo que represente espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade. Assim, um primeiro aspecto relevante para o estudo das redes sociais é a característica da expressão pessoal ou personalizada na internet. (RECUERO, 2014)

Para van Dijck (2013), “estar em contato” e “manter contato” são, agora, atividades centradas nas redes sociais. Uma vez que uma pessoa criou um perfil no Facebook, por exemplo, acaba recebendo um “empurrão social” dos seus pares para permanecer conectado, mesmo que isso seja traiçoeiro. Especialmente entre jovens, não estar no Facebook significa não ser convidado para festas e não estar informado sobre eventos importantes. Assim, estar desconectado da rede pode significar uma ausência de importantes dinâmicas da vida pública. (DIJCK, 2013)

As redes sociais geram dois outros valores econômicos além da conectividade: atenção e popularidade. Atenção, neste contexto, significa olhares e exposição (ainda que inconsciente). Ganhar popularidade, enquanto isso, não é medida de forma simples: os algoritmos³ existem para elencar ideias e pessoas. (DIJCK, 2013)

3 Por algoritmos compreendemos rotinas de programação construídas para ordenar e distribuir informações. No caso das redes sociais, para divulgar informações publicadas e relacionar as mesmas com perfis que possuem afinidade com o tema, por exemplo, ou dentro de um determinado conjunto de amigos.

Recuero (2014, p. 26) evoca Döhring (2002), que analisou o fenômeno da construção da identidade na internet através das páginas pessoais. Em seus resultados, “[...] há a sugestão de que os *websites* pessoais eram apropriações individuais do ciberespaço, como forma permanente de construção de si, dentro do foco da pós-modernidade”. Esta conversa migrou para a agilidade das redes, sobretudo para o Facebook.

É essencial apontar para o fato de que esta rede social começou, basicamente, como um local para que pessoas pudessem escrever sobre seus livros e filmes favoritos, conversar com seus amigos, ou postar fotos da festa da noite anterior, com posterior migração dos movimentos sociais e políticos, de ideias variadas que até mesmo entram em choques em virtude da facilidade de encontrar vozes opostas. A simples habilidade para comunicar com mentes parecidas forma laços sobre interesses e forma planos coordenados o suficiente para motivar pessoas a participarem de uma causa e cooperarem.⁴ (BENKLER, 2011)

Como defende Zuckerman (2013): podemos estar conectados tanto a um ativista de um sindicato de esquerda como a um evangélico de direita, porque ambos estiveram na nossa turma do ensino médio. O Facebook, neste sentido, pode ser uma poderosa ferramenta para nos expor para diversos pontos de vista.

IDENTIDADE, DIFERENÇA E ALTERIDADE

A preocupação com a identidade no mundo contemporâneo faz dela um conceito central. Na arena global, por exemplo, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais local, existem preocupações com a identidade pessoal. Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma “crise da identidade”. Isso implica examinar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes. (WOODWARD, 2009)

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante

4 Esta cooperação pode inclusive ser entre pessoas e bots, perfis falsos operados automaticamente, para ataque combinado contra perfis que publicam informações de viés contrário dos seus operadores.

ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais é sustentada a produção desta sensação. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. Há fixação e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (SILVA, 2009)

Há, ainda, a teoria de que a internet rompe com a noção tradicional de muitas culturas de que cada corpo recebe um único indivíduo. Neste sentido, no contexto da mídia digital, temos corpos separados de identidades. (BAYM, 2010, p. 106, tradução nossa)

Tal multiplicidade é ampliada na internet, mas não é nada de novo. Foi Shakespeare que escreveu que ‘todo o mundo é um palco’, reconhecendo que todos os nossos encontros sociais envolvem interpretar papéis designados para se adaptar os interativos e o contexto. Teóricos da identidade como Goffman (1959) há muito defendem que a identidade desempenha múltiplos papéis na vida cotidiana e não pode ser entendida como uma única entidade. Mais do que existir uma Única Verdadeira Identidade [...] teóricos contemporâneos começaram a ver a identidade como flexível e múltipla, tomando diferentes encarnações em diferentes situações.⁵

A dispersão das pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O conceito de diáspora, de Paul Gilroy (1997 apud WOODWARD, 2009), é um dos conceitos que nos permite compreender algumas dessas identidades – identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte. Essa concepção aceita que as identidades não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurs-

5 Such multiplicity is enhanced on the internet, but it is nothing new. It was Shakespeare who wrote that “all the world’s a stage”, recognizing that all of our social encounters involve playing roles designed to suit the interactants and the context. Identity scholars such as Goffman (1959) have long argued that the self plays multiples roles in everyday life and cannot be understood adequately as a single unified entity. Rather than there being One True Self [...] contemporary scholars have come to see the self as flexible and multiple, taking different incarnations in different situations.

tos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2009)

Finalmente, é a viagem em geral que é tomada como metáfora do caráter necessariamente móvel da identidade. Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se “estrangeiro”, posicionando-o, ainda que temporariamente, como o “outro”. A viagem proporciona a experiência do “não sentir-se em casa” que, na perspectiva da teoria cultural contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. Na viagem, podemos experimentar, ainda que de forma limitada, as delícias – e as inseguranças – da instabilidade e da precariedade da identidade. (SILVA, 2009)

Outra concepção de identidade cultural é aquela que a vê como “uma questão tanto de ‘tornar-se’ quando de ‘ser’”. Isso significa que nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. Esse passado é parte de uma “co-munidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós”. Hall argumenta em favor não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária, tal como as dicotomias “nós/ eles”, mas, sim, por meio da diferença. Aqui, é utilizado o conceito de *différance*, de Jacques Derrida. Segundo esse autor, o significado não é completamente fixo ou completo, de forma que sempre existe algum deslizamento. A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade. Ao ver a identidade como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. (WOODWARD, 2009)

Se as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, essa marcação ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, então, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro. (WOODWARD, 2009) A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo trans-

cidental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2009)

A identidade e a diferença são traduzidas em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem, e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de relações de poder. (SILVA, 2009)

Para Derrida, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno das quais elas se organizam. (SILVA, 2009)

O hibridismo, neste sentido, tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjugação, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde as supostas identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2009)

O que encaro constantemente através de minhas experiências são os sentimentos do outro, as ideias do outro, o caráter do outro. É porque, com efeito, o outro não é somente aquele que vejo, mas aquele que me vê. Encaro o outro enquanto sistema conexo de experiências fora de alcance, no qual figuro como um

objeto entre outros. Mas, na medida em que me esforço para determinar a natureza concreta desse sistema de representações e o lugar que ocupo a título de objeto, transcendendo radicalmente o campo de minha experiência. (SARTRE, 1997)

Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. Isso sugere que a ordem social é mantida por meio de oposições binárias tais como a divisão entre “locais” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*). A produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados ao *status* de “forasteiros”, de acordo com o sistema social vigente, garante um certo controle social. (WOODWARD, 2009)

Para compreender estas relações, é possível observar o pensamento de Emmanuel Levinas como uma filosofia ética. (RODRIGUES, 2007) A preocupação central do pensamento de Levinas (1906 – 1995) está ligada à relação inter-humana, no sentido de repensá-la e fornecer-lhe novo prisma compreensivo. É importante, antes de nos aprofundarmos nos pensamentos do autor, contextualizar a sua trajetória. Nascido na Lituânia e radicado na França, Levinas viveu uma experiência muito traumática com a Segunda Guerra Mundial, mantido preso pelo regime nazista, tendo seus pais e irmãos executados. Pôde vivenciar de perto as atrocidades cometidas pela dita “razão esclarecida” que se mostrou violenta e totalitária ao seu extremo. Essas experiências, em grande medida, são tensões formadoras do seu pensamento: Levinas quer, portanto, romper com esta racionalidade construída ao longo da história do pensamento ocidental bem como ao longo da história da filosofia, em que a relação Eu-Outro sempre foi tratada como uma relação sujeito-objeto, subordinada a uma relação de conhecimento. (RODRIGUES, 2007)

Seus interlocutores mais próximos são Heidegger e Husserl, que estava preocupado, como Descartes, com o problema da certeza e do fundamento do saber, só que por outro viés: o de determinar o sentido que a certeza e a verdade podem ter para cada domínio do ser. Assim, Husserl emprega uma nova maneira de filosofar, pois percebe que ao invés de encarar a verdade com um único modelo que se desdobra em suas mais variadas aproximações cabe também encarar as ditas incertezas, que são próprias de certos conhecimentos, como indícios posi-

tivos e que podem se caracterizar como os próprios reveladores dos seus objetos. (RODRIGUES, 2007)

O Outro metafisicamente desejado não é 'outro' como o pão que como, como o país que habito, como a paisagem que contemplo, como, por vezes, eu para mim próprio, este 'eu', esse 'outro'. Dessas realidades, posso 'alimentar-me' e, em grande medida, satisfazer-me, como se elas simplesmente me tivessem faltado. Por isso mesmo, a sua *alteridade* incorpora-se na minha identidade de pensante ou de possuidor. O desejo metafísico tende para uma *coisa inteiramente diversa*, para o *absolutamente outro*. (LEVINAS, 1988, p. 19, grifo do autor)

A interioridade do sujeito levinasiano é um ponto muito importante para o entendimento e para a possibilidade da alteridade. É somente a partir de um indivíduo interiormente bem estruturado em suas relações, isto é, bem estruturado nas suas relações subjetivas e nas suas relações com o mundo exterior, que se torna possível o questionamento sobre o porquê de não podermos objetivar o Outro, bem como a indagação sobre a (im)possibilidade de pensarmos a alteridade absoluta. O primeiro passo que o ente levinasiano empreende em direção à "alteridade" caracteriza-se pelo processo de identificação e constituição do eu. A alteridade do Outro também se apresenta como uma recusa/ruptura à relação com a totalidade, pois define o Outro como aquele que não se deixa ser englobado numa conjunção fechada e única; ao mesmo passo que a totalidade é entendida sempre como finita, ou seja, imanente, o Outro é infinitamente outro, transcendente, é o Infinito. (RODRIGUES, 2007)

É preciso tomar a sério o reviramento da alteridade no mundo na identificação de si. Os "momentos" dessa identificação – o corpo, a casa, o trabalho, a posse, a economia – não devem figurar como dados empíricos e contingentes, chapeados sobre uma ossatura formal do Mesmo; são as articulações dessa estrutura. A identificação do Mesmo se identificasse por simples oposição ao Outro faria já parte de uma totalidade englobando o mesmo e o Outro. (LEVINAS, 1988)

Byung-Chul Han, autor sul-coreano radicado na Alemanha, tratou do tema da alteridade nos tempos de hiperconexão, projetando como a sociedade será no futuro, com os impactos das tecnologias. Han tem uma visão pessimista em relação ao comportamento das

peessoas. Em *A sociedade da transparência*, Han (2014) defende que a civilização contemporânea é um inferno do igual: a negatividade do outro e do estranho, esta resistência do outro, perturba e atrasa a comunicação lisa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema através da eliminação do outro ou do estranho. Esta coação sistêmica torna a sociedade da transparência uma sociedade uniformizada. Já em *Sociedade do cansaço*, Han (2015) defende que cada época possui suas enfermidades fundamentais: desse modo, o século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal.

A sociedade positiva ocupa-se de organizar de modo totalmente novo a alma humana. Han evoca, como exemplo, o slogan do Meetic, site de encontros para celibatários: “Pode estar-se apaixonado sem cair apaixonado!”, o que significa: “Você pode perfeitamente estar apaixonado sem sofrer!” O amor é positivado como fórmula de consumo e conforto. É necessário evitar qualquer lesão: o sofrimento e a paixão são figuras de negatividade. Em contrapartida, surgem as perturbações psíquicas, como o esgotamento, o cansaço e a depressão, que atribuímos ao excesso de positividade. (HAN, 2014) À imposição da transparência temos uma alteridade que não pode ser por completo eliminada, mas deveria: na sociedade positiva, o desconhecido é algo ruim. A autonomia de cada um pressupõe também a liberdade de não compreender o que tem o outro. A intimidade é a fórmula psicológica da transparência. O mundo não é hoje um teatro onde se representamos e lemos ações e sentimentos, mas um mercado onde se expomos, vendemos e consumimos intimidades. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Toda e qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. Mas, hoje em dia, em lugar da alteridade entra em cena a diferença, que não provoca nenhuma reação imunológica. A diferença pós-imunológica, sim, a diferença pós-moderna já não faz adoecer. Em nível imunológico, ela é o mesmo. Falta à diferença, de certo modo, a agulha da estranheza, que provocaria uma violenta reação imunológica. Também a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo: estranho cede lugar ao exótico. O chamado “imigrante”, hoje em dia, já não é mais imunologicamente um outro; não é um estrangeiro, em sentido enfático, que representaria um perigo real ou alguém que nos causasse medo. Imigrantes são vistos mais como um peso do que como uma ameaça. O desapa-

recimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. (HAN, 2015)

Assim, temos visões quase opostas de Yochai Benkler, otimista, e Byung-Chul Han, pessimista sobre a alteridade. Han (2015) sugere uma espécie de “corrupção da alteridade” na perspectiva contemporânea. Enquanto Benkler (2011) aponta para iniciativas de cooperação *on-line*, Han (2015) se refere ao modo como nos relacionamos com os outros como fadada à busca pela eliminação daquilo que é diferente de nós.

HUMANS OF NEW YORK

Em 2013, Brandon Stanton foi considerado pela revista *Time* um “30 under 30”, uma das 30 pessoas com menos de 30 anos que está mudando o mundo. Após ser demitido do seu emprego em Chicago em 2010, ele investiu na ideia de tirar 10.000 retratos de pessoas ao redor de Nova York, projeto cujo resultado superou suas expectativas.

Stanton (2013, tradução nossa) explica sobre o desenvolvimento de HONY como o conhecemos hoje: “Em algum momento, eu comecei a entrevistar meus objetos além de fotografá-los. E junto dos seus retratos, eu comecei a incluir citações e pequenas histórias das suas vidas”. Neste mesmo vídeo, deixa claro que a metodologia da sua produção de conteúdo é simples e muito sistemática: ele caminha muitos quilômetros por dia, abordando e entrevistando seis ou sete pessoas nas ruas.

De acordo com o site oficial,⁶ os retratos e legendas são o objeto de um vibrante blog. No final do primeiro semestre de 2017, HONY contava com mais de 18 milhões de curtidas no Facebook. Para comparação, a página do jornal *The New York Times* possuía cerca de 14 milhões de curtidas. No Instagram, a página conta com 4.243 publicações e 6,9 milhões de seguidores.⁷ A descrição de HONY tanto no Facebook quanto no Instagram é “New York City, uma história por vez” (tradução livre para: *New York City, one story at a time*).

6 <www.humansofnewyork.com>

7 <www.instagram.com/humansofny>. Acesso em: 2 maio 2017.

Nos últimos cinco anos, o blog expandiu para mostrar histórias de mais de vinte países diferentes. O trabalho também foi compilado em dois livros: *Humans of New York* (2013) e *Humans of New York: Stories* (2015). Entre o primeiro e o segundo livro, as citações começaram a ficar cada vez mais longas e cada entrevista passou a durar de 20 a 30 minutos. (STANTON, 2015)

O primeiro livro *Humans of New York* foi publicado no meio de uma transformação. O livro incluía algumas citações e histórias, mas ele representava fortemente as origens fotográficas de HONY. Ele fornecia um exaustivo catálogo visual das vidas nas ruas da cidade. Mas logo após ser publicado, ficou óbvio que outro livro estava esperando para ser feito – um que incluísse as histórias profundas pelas quais o blog é conhecido hoje.⁸ (STANTON, 2015, p. 2, tradução nossa)

No dia 14 de março de 2016, Stanton publicou o primeiro *post* de cunho político. Em uma carta aberta a Donald Trump, na época candidato à presidência dos Estados Unidos, repreendeu os comentários racistas e xenófobos do político. De acordo com o Boucher (2016), do Huffington Post, o *post* tornou-se, em menos de oito horas, o conteúdo mais compartilhado do Facebook de todos os tempos. Até o dia 18 de setembro de 2017, o *post* tinha mais de 1 milhão de compartilhamentos, mais de 2 milhões de curtidas e mais de 72 mil comentários. (STANTON, 2016)

ANÁLISE DO POST

Para compreender a questão da alteridade – aplicada à página, na produção do conteúdo e na recepção dos seguidores da página – optamos por manter a análise baseada em três alicerces: análise da foto, análise de texto e análise dos comentários nos *posts*. Nesta última categoria, frente à impossibilidade de reunir todas

8 “The first Humans of New York book was published in the midst of this transformation. The book included some quotes and stories, but largely it represented the photographic origins of HONY. It provided an exhaustive visual catalogue of life on the streets of the city. But soon after it went on print, it became obvious that another book was waiting to be made – one that includes the in-depth storytelling that the blog is known for today.”

as centenas de milhares de comentários, ressaltamos a escolha por selecionar os cinco comentários mais curtidos (ou seja, mais populares) de cada *post*.

A base metodológica do presente trabalho evoca as propostas de Laurence Bardin, presentes no livro *Análise de Conteúdo* (2009), e de Richard Rogers (2013) e Adriana Amaral, Raquel Recuero e Suely Fragoso (2009) sobre os métodos específicos de análise de redes sociais na internet. Fazendo uma união das teorias dos autores supracitados, buscamos problematizar uma análise da alteridade que se constitui na página *Humans of New York*.

Para essa análise, optou-se por averiguar uma publicação de HONY postada no Facebook, no dia 09 de novembro 2016. No texto, a entrevistada conta o seu relato sobre as eleições estadunidenses, realizadas em novembro de 2016:

Eu cobri muitos comícios de Trump como jornalista. Eu não senti nenhum ódio. As pessoas estavam mais curiosas do que qualquer outra coisa. Eu nunca fui assediada. Eu senti que a maioria das pessoas estava apenas apoiando ele porque ele não era parte da classe dominante. Ou porque elas estavam cansadas de política. Mas era confuso. Porque mesmo eu não sentindo que elas me odiavam, essas pessoas estavam apoiando alguém que disse que eu deveria ser banida do seu país. Até o pai de uma das minhas melhores amigas apoia o Trump. Este homem me recebeu em sua casa. Eu fui ao Thanksgiving com ele. Minha amiga perguntou a ele: 'Pai, como vocês pode apoiar esse homem? Nossa amiga Zahra é muçulmana'. Ele disse a ela: 'Não se preocupe. Ele não vai fazer tudo que fala'. Hoje foi difícil. Nestas últimas semanas, era na maior parte especulação. Havia suspeitas de que a maioria dos americanos apoiava ele, mas eu esperava que isto fosse um erro. Mas agora essa esperança acabou. E eu tenho de mudar de sentimento. Eu tenho de me sentir como se, talvez, a maioria dos americanos não me quisesse aqui. E eu sinto que, não importa o quanto eu tente, eu nunca vou fazer parte da comunidade. E apesar de eles serem amigáveis comigo, ou me convidarem para o Thanksgiving, no fundo eles acreditam que os Estados Unidos é

um país que pertence a pessoas brancas.⁹ (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa)

O *post* teve 537 mil curtidas, 77.201 compartilhamentos e 22 mil comentários. Destes, os cinco comentários mais curtidos (considerados os mais relevantes) são os que se seguem:

*Eu acho um problema a ideia de apoiar um candidato apesar do que ele diz porque talvez ele não vá em frente com isso. Como você pode ter certeza do que ele vai ou não fazer? Vale a pena arriscar vidas e subsistências de minorias em todos os lugares só porque você não gosta da classe dominante?*¹⁰ (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa).

*Eu sou canadense, mas eu me recuso a acreditar que o teu país vai deixar ser engolido por intolerância e ódio. Mantenham o ritmo, continuem amando e sejam gentis uns com os outros. Vocês (e nós) vão superar isso!*¹¹ (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa).

*Eu queria que existisse uma maneira de te mostrar que não estamos apenas “atuando” de forma amigável. Eu seria seu amigo um milhão de vezes. Você é bem-vinda aqui.*¹² (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa).

-
- 9 “I covered a lot of Trump rallies as a journalist. I didn't feel any hatred. People were more curious than anything. I was never assaulted. I felt like most people were just supporting him because he wasn't part of the establishment. Or because they were tired of politics. But it was confusing. Because even though I didn't feel like they hated me, these people were supporting someone who said I should be banned from the country. Even the father of one of my best friends supports Trump. This man had me over to his house. I went to Thanksgiving with him. My friend asked him: 'Dad, how can you support that man? Our friend Zahra is a Muslim.' He told her: 'Don't worry. He won't do everything that he says.' Today has been difficult. These last few weeks, it was mostly speculation. There was suspicion that most Americans supported him but I could hope that it was wrong. But now that hope is gone. And I have to feel differently. I have to feel like maybe most Americans don't want me here. And I feel like no matter how hard I try, I'll never be part of the community. And even if they're friendly to me, or if they invite me to Thanksgiving, deep down they believe that America is a country that belongs to white people.”
- 10 “I take issue with the idea that you can support a candidate despite what he says because he might not follow through on it. How can you be sure what he will and won't do? Is it worth risking the lives and livelihoods of minorities everywhere, just because you don't like the establishment?”
- 11 “I'm canadian, but I refuse to believe that your country will allow itself to be swallowed up by bigotry and hate. Stay the course, keep love strong and be kind to each other. You (and us) will make through this!”
- 12 “I wish there was a way to show you that we aren't just “acting” friendly. I would be your friend a million times. You're welcome here.”

*A página do Facebook mais pacífica e tolerante sem nenhum ódio e racismo. Eu me sinto muito seguro aqui.*¹³ (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa).

*Hilary ganhou o voto popular, os Estados Unidos falaram e nós não queremos Trump aqui.*¹⁴ (HUMANS OF NEW YORK, 2016, tradução nossa).

A partir dos dados reunidos, passamos para a seguinte etapa: a análise efetiva. Reunindo o material, primeiramente, é possível inferir que a foto mostra uma moça com vestes muçulmanas encarando a câmera de forma séria, mas sem revelar muito sobre o seu estado emocional, quase de forma neutra. A imagem instiga: o que está se passando com a jovem? Não há contexto emocional a partir da foto.

No seu relato, ela evidencia angústia e espanto pelo fato de Donald Trump ter vencido as eleições para presidente nos Estados Unidos. Ela teme por ter dúvidas em relação à (não) acolhida de pessoas não-brancas no país em que vive. Aqui temos a certeza de que se trata de uma jovem angustiada, e o tom desesperançoso fica evidente na sua fala. Ela usa termos como “banida de seu país” e “a maioria dos americanos não me quisesse aqui” e “fazer parte da comunidade”. Há uma clara separação entre “nós” e “eles”, uma dicotomia entre muçulmanos e norte-americanos brancos.

Partindo para a recepção do público – ressaltando a repercussão grandiosa em termos de engajamento, levando em conta os números de curtidas, compartilhamentos e comentários – vemos reações positivas nos cinco comentários mais relevantes do *post*: “*você é bem-vinda aqui*”, “*sejam gentis uns com os outros*”, “*Hilary ganhou o voto popular [...] nós não queremos Trump aqui*” foram algumas das mensagens que apareceram. Os cinco comentários passam mensagens positivas. É importante apontar, ainda, para a massiva repercussão que os próprios comentários frequentemente acabam tendo: os cinco comentários mais curtidos tinham uma média de 27 mil *likes* cada um. No Facebook, um ambiente *on-line* que promove o estímulo ao capital social a partir de algoritmos, é natural que as pessoas se sintam compelidas a expressar opiniões que agradem a maioria. A aprovação retorna em forma de uma “reação digital” – é justamente

13 “The most tolerant and peaceful page of facebook without any hatred and racism, I feel very secure here.”

14 “Hillary won the popular vote, America has spoken and we do not want Trump.”

essa transformação da alteridade e do relacionamento de uns com os outros perante a diferença que fica evidente em *Humans of New York*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise, é possível observar como a página *Humans of New York* provoca manifestações que permitem compreender a alteridade nas redes sociais. Diante de um *post* que evoca sentimentos de incerteza e angústia, usuários de diversos locais do planeta refletem e até mesmo colocam a si mesmos na posição da jovem ali mostrada, evidenciando um sentimento de empatia (como visto anteriormente).

Houve, neste sentido, um choque de culturas – evocando a questão da diferença – naquele espaço. Isto não impediu que as pessoas fossem gentis e solidárias com a moça ali retratada. Apesar dos limites que nos impedem abarcar por completo a questão da alteridade aqui, é evidente, a partir do analisado, que o conteúdo de HONY causou um impacto nas emoções do público.

Dessa forma, é possível concluir que as redes sociais estão, sim, moldando a alteridade, uma vez que limitam ou estimulam – dependendo do contexto – o nosso contato com outros que pensam e agem de forma radicalmente diferente de nós. O desafio proposto aqui é romper os padrões, e, frente à diferença, buscar aquilo que é estranho a nós – seja no âmbito cultural, religioso ou ideológico-político. Isto pode ser impactado pela vivência em uma bolha de informação, que cria modelos enviesados.

Ao passo que publicamos e observamos o outro em tempo real, com blocos de informação que são compartilhados e replicados, também recebemos informações que o sistema julgou ser relevante a partir de fatores como importância para outros pares no sistema e uso de publicidade paga para “impulsionar” a atenção. Portanto, o sentimento de alteridade não é (re)construído apenas a partir da expressão em ambientes *on-line*, mas também a partir do que a estrutura da rede sugere para seu usuário. Assim, os fatores que compõem e provocam a alteridade não mais são decididos por comunicadores humanos, mas por rotinas de programação.

Fica a provocação e o desafio para irmos além e, como disse Levinas (1988), lembrar que a alteridade, diferente da empatia, tende para uma coisa inteira-

mente diversa de nós mesmos. Neste sentido, *Humans of New York* – e páginas semelhantes – tem um potencial único para permitir o choque que a alteridade necessita. Como as pessoas lidarão com isto é assunto para uma rica e pungente discussão. Indiscutível é o fato de que ao falar em alteridade em pleno século XXI – em 2017 – é imprescindível trazer o tema para o contexto da internet e das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BAYM, Nancy. *Personal connections in the digital age*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- BENKLER, Yochai. *The penguin and the Leviathan: the triumph of cooperation over self-interest*. Nova York: Crown Business, 2011.
- BOUCHER, Brian. Is Humans of New York's Donald Trump Takedown the Most Popular Facebook Post Ever? *Huffpost*, 07 July 2016. Available in: <https://www.huffingtonpost.com/entry/is-humans-of-new-yorks-donald-trump-takedown-the-most-popular-facebook-post-ever_us_56ead33ae4bob25c9184a9fe>. Access in: 2 maio 2017.
- BOYD, Danah. *It's complicated: the social lives of networked kids*. New Haven: Yale University Press, 2014.
- CARR, Nicholas. *The shallows: what the internet is doing to our brains*. Nova York: Norton, 2011.
- DIJCK, José van. *The culture of connectivity: a critical history of social media*. New York: Oxford University Press, 2013.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Porto: Rés, 1980.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.

- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- RODRIGUES, Tiegüe Vieira. *A categoria da alteridade: uma análise da obra totalidade e infinito, de Emmanuel Levinas*. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ROGERS, Richard. *Digital methods*. Cambridge: The MIT Press, 2013.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- STANTON, Brandon. *Brandon Stanton: The Good Story*. 2013. Available in: <<https://www.youtube.com/watch?v=HGzgyVALsDE>>. Access in: 01 May 2017.
- STANTON, Brandon. *Humans of New York: About*. [2010]. Available in: <www.humansofnewyork.com/about>.
- STANTON, Brandon. *Humans of New York: Stories*. Nova York: St. Martin's Press, 2015.
- STANTON, Brandon. An Open Letter to Donald Trump. *Facebook*, 14 Mar. 2016. Available in: <<https://www.facebook.com/humansofnewyork/posts/1207382856002479>>. Access in: 2 maio 2017.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- TURKLE, Sherry. *Life on the screen: identity in the age of the internet*. Nova York: Touchstone, 1997.
- U.S. CENSUS BUREAU. *Current Populations Estimated*. 2016. Available in: <<http://www1.nyc.gov/site/planning/data-maps/nyc-population/current-future-populations.page>>.
- ZUCKERMAN, Ethan. *Digital cosmopolitans: why we think the internet connect us, why it doesn't and how to rewire it*. Nova York: Norton, 2013.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.